

DE QUE FALAMOS?

Lya Luft

Num seminário, ao apresentar-me, alguém disse: “Em seus romances, Lya Luft fala de mulheres”. Essa frase tornou-se uma espécie de refrão nas semanas seguintes, desencadeador de muitas reflexões.

Por que escrevemos, afinal, e de que falamos? Escritores devem escrever, não falar. Talvez por ser uma espécie de moda, porém, a toda hora somos chamados a depor sobre nosso trabalho. Se entrevistarem dez escritores, haverá dez depoimentos diferentes, pois cada pessoa vive e trabalha do jeito que é, com sua carga biopsíquica, suas capacidades e limitações, suas heranças inconscientes. Mais cerebral ou mais emotivo, mais racional ou mais intuitivo, mais ligado a temas históricos e sociais, ou escavando obsessivamente no poço interior.

Outras questões levantam-se nesses encontros com estudantes, psicanalistas, grupos de mulheres ou dos mais variados interesses: o que pensamos da vida, das relações humanas? E a família? Por que tantos personagens angustiados, por que em quase todos os meus livros uma criança morta? E a morte — por que tanto escrevo sobre ela?

Nunca preparei por escrito nenhum desses depoimentos. Minha natureza anti-acadêmica (ou minha precariedade nesse campo) faziam-me preferir a divagação e o diálogo. Mais interessante era o que os outros tinham a questionar. Quero que meu leitor (e aquele que me escuta) seja meu parceiro de inquietações, meu cúmplice ainda que anônimo.

Não falo só de mulheres, mas da prodigiosa vida com seus medos e sonhos, com seus mistérios e sua loucura. Falo de amores, da euforia do encontro, da dor da separação; da felicidade de construir a vida a quatro mãos, e do vazio quando o amor acaba.

Falo do absoluto silêncio da morte, onde a pessoa amada pode-se ocultar sem uma explicação, sem nenhum aviso. E passaremos um tempo de luto indagando: onde está você, que ontem dormiu em minha cama, e se pudesse não me deixaria tão só, onde está você, para onde foi?

Falo da alegria das amizades eleitas, que não passam como amores ou

paixões; falo de delicadeza e compaixão. Falo de ligações que fogem às regras, escapam a qualquer padrão, têm uma substância de encantamento que ninguém, fora desse círculo mágico, entenderá.

É preciso registrar a memória das gentes, denunciar o que nos desumaniza, descrever e questionar problemas de toda ordem. Alguns escritores, porém, falam de territórios secretos. Não resistem ao desejo de entreabrir a folhagem e espreitar a gruta onde dorme a noite ou dança a luz, e os destinos humanos se entreabrem com toda a sua glória e seus desastres. Sou dessa família.

Alguns escrevem para não morrer, como dizia Rilke; outros para serem entendidos ou amados. Eu, escrevo como quem assobia no escuro, elaborando temas que me assustam, porque não os entendi. Tento dominá-los pelo sortilégio da palavra, talvez.

Nem sempre, quando escrevo em primeira pessoa, estarei falando de mim, nem serei objetiva quando usar da terceira pessoa. Falarei por avanços e recuos, em elipses, com idas e vindas escondendo a ponta do fio para desembaraçar o novelo mais adiante, e não temo repetições: são retomadas, numa luz mais nítida ou mais difusa.

Minhas ficções são a ponte sobre o fosso que separa sonhado do real. Nela caminha quem, como eu, ofuscado pela luz que vem de cima, examina a sombra povoada que se estende embaixo — e dessa indagação extrai a sua força, nela ouve o chamado dos desafios que não nos deixam estagnar.